

PORTUGUÉS

... esta é a casa em que desperto; esta a hora; a casa está em ruína, as paredes desfazem-se; é uma casa antiga; entra-se; a escada hoje é apenas uma sombra; depois do primeiro andar segue em vertigem por aí acima povoada dos passos das gerações passadas; tudo é ausente como uma derrota; a cumprida sacada sob o frontão triangular abre-se para a planície no além do largo; dentro da sala do candelabro, dos quadros e do espelho, o frio dos móveis arrepiou a vida; um vento duro estremece as vidraças durante o dia todo assustadoramente; odeio o vento; foi nesta sala que eles viveram e sonharam, jovens de cabelos brilhantes, longos, densos, raparigas de pequenos peitos e de olhar tão triste, quase velho, mordendo a sua noite e caminhando ainda como uma desgraça pelos corredores, pelas cozinhas e caves e despensas onde se falava a língua do terror; mais tarde também a da revolta; criadas, querendo e temendo os patrões impudentes; no escritório de baixo, apainelado, houve pela primeira vez uma nódoa de sangue; foi igualmente ali que depois estive a doida, gradeada em ódio, eternamente às escuras para não convidar na rua os homens que passavam, tantos anos seguidos que, por fim, ninguém falava dela; (...) lembro-me ainda do dia em que morreu; tinha eu sete anos; era por certo já maior do que ela, tão mirrada, tão escura, tão nojenta; vieram acordar-me numa manhã como esta e abriram só a fisga da janela e disseram: a tia-avó morreu.